

Hoje é o Dia da família cristã. Uma festa estabelecida recentemente para que os cristãos celebrem e aprofundem o que pode ser um projeto familiar entendido e vivido desde o espírito de Jesus.



que família?

Hoje é o Dia da família cristã.

Uma festa estabelecida recentemente para que os cristãos celebrem e aprofundem o que pode ser um projeto familiar entendido e vivido desde o espírito de Jesus.

Não basta defender de forma abstrata o valor da família. Tampouco é suficiente imaginar a vida familiar segundo o modelo da família de Nazaré, idealizada desde a nossa concepção da família tradicional. Seguir Jesus pode exigir por vezes questionar e transformar esquemas e costumes muito arraigados em nós.

A família não é para Jesus algo absoluto e intocável. Mais ainda. O decisivo não é a família de sangue, mas essa grande família que temos de ir construindo, os humanos, escutando o desejo do único Pai de todos. Inclusive os Seus pais terão que aprender, não sem problemas e conflitos.

Segundo o relato de Lucas, os pais de Jesus procuram-No afligidos, ao descobrir que os abandonou sem se preocupar com eles. Como pode atuar assim? A Sua mãe repreende-o quanto o encontra: **«Filho, porque nos trataste assim? Olha que o teu pai e eu te procurávamos angustiados»**. Jesus surpreende-os com uma resposta inesperada: **«Porque me procuráveis? Não sabeis que eu devia estar na casa de meu Pai?»**.

Os seus pais *«não o compreenderam»*. Só aprofundando as suas palavras e o seu comportamento para com a sua família, descobrirão progressivamente que, para Jesus, o primeiro é a família humana: uma sociedade mais fraterna, justa e solidária, tal como a quer Deus.

Não podemos celebrar responsabilmente a festa de hoje sem escutar o repto da nossa fé.

- Como são as nossas famílias? Vivem comprometidas numa sociedade melhor e mais humana, ou encerradas exclusivamente nos seus próprios interesses? Educam para a solidariedade, a procura da paz, da sensibilidade para com os necessitados, a compaixão, ou ensinam a viver para o bem-estar insaciável, o máximo lucro e o esquecimento dos outros?
- O que está a suceder nos nossos lares? Cuida-se da fé, recorda-se Jesus Cristo, aprende-se a rezar, ou só se transmite indiferença, incredulidade e vazios de Deus? Educa-se para viver desde uma consciência moral responsável, sã, coerente com a fé cristã, ou favorece-se um estilo de vida superficial, sem metas nem ideais, sem critérios nem sentido último?

Sobe a nascer comigo,
diz o poeta Neruda.
Desce a nascer comigo,
diz o Deus de Jesus.
Tem que nascer de novo,
irmãos Nicodemos,
e tem que nascer, subindo cá de baixo.

De esperança em esperança,
de presépio em presépio,
ainda há Natal.
Desconcertados pelo vento do deserto
que não sabemos donde vem,
nem para onde vai.
Encharcados no sangue e na cobiça,
proibidos de viver
com dignidade,
somente este Menino nos pode salvar.

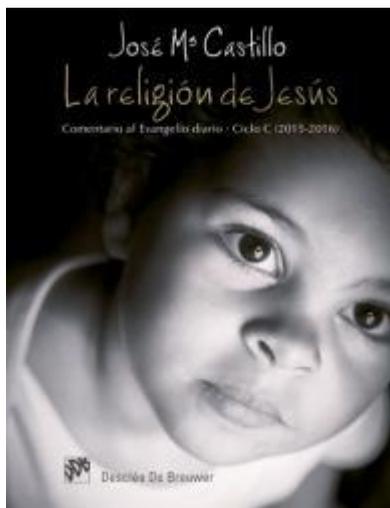
De esperança em esperança,
de presépio em presépio,
de Natal em Natal.
Sempre de noite
nascendo de noite,
Nicodemos.

“Desde as periferias existenciais”,
com a fé de Maria
e os silêncios de José
e todo o Mistério do Menino,
há Natal.

Com os pobres da terra,
confessamos
que Ele nos amou até ao extremo
de entregar-nos seu próprio Filho,
um Deus menorizado,
numa Kenosis total.
E é Natal.
E é Tempo Novo.

E o mote é:
que tudo é Graça,
tudo é Páscoa,
tudo é o Reino.

Pedro Casaldáliga, Bispo Emérito de S. Félix do Araguaia, Brasil.



A Religião de Jesus. Comentário diário ao Evangelho. Ciclo C (2015-2016)

Por que é que o Evangelho, a maior parte das vezes, não constitui o critério e a força organizadores da nossa vida e da nossa convivência com os outros?

TALVEZ ESTAS PALAVRAS NOS PAREÇAM UM SERMÃO. Ou talvez as encaremos como uma série de mitos e lendas, em que é muito difícil acreditar. E até acontece que há pessoas que veem no Evangelho um livro de religião, mais um entre tantos outros, que não interessam nem convencem um grande número de pessoas. E, de facto, por pouco que se reflita no assunto, pode ocorrer-nos uma pergunta que não tem resposta fácil: podemos garantir que os povos e países em que mais se lê o Evangelho, são aqueles em que existem as pessoas mais honradas, mais honestas, mais sinceras, mais fiáveis, numa palavra, melhores? Por outras palavras: por que não conseguimos ver, com clareza, a coerência, que deveria ser bem evidente, entre Evangelho e Ética?

De facto, nós cristão, necessitamos de ter um encontro com o Evangelho, que produza em nós a mesma reação que produziu nos que o viram e ouviram no tempo de Jesus: entusiasmo da parte dos que sofrem, e rejeição por parte dos causadores do sofrimento. Compreende-se a razão por que o papa Francisco tanto insiste em que transportemos, sempre, connosco um exemplar dos evangelhos, e que o leiamos com frequência.

A MAIOR DIFICULDADE QUE MUITOS CRISTÃOS TÊM TIDO, E CONTINUAM a ter, em compreender Jesus de Nazaré, não está na aceitação da sua divindade, mas sim, na aceitação da sua humanidade. Esta dificuldade transparece já nalguns escritos do Novo Testamento. Nas cartas de João, por exemplo, e, sobretudo, nas do apóstolo Paulo. A razão desta resistência em aceitar, em Jesus, tanto o humano como o divino, assenta numa corrente de pensamento, muito poderosa nos primeiros séculos do cristianismo, e que, através dalgumas das suas manifestações, chegou, mesmo, até aos nossos dias. Trata-se do gnosticismo. Uma filosofia que teve o seu apogeu nos séculos I e II. Os gnósticos defendiam uma oposição tão forte entre Deus e o mundo, que chegavam, mesmo, a desprezar o material e o humano, por constituírem a grande dificuldade de, nós mortais, nos encontrarmos com Deus e alcançarmos a salvação. Poucas pessoas imaginam que foi o facto de o apóstolo Paulo se interessar tão pouco pelo Jesus carnal, o Jesus da história, que o levou a centrar a sua atenção no Cristo ressuscitado. O que se deve, sobretudo, à forte influência do pensamento gnóstico, aprendido e aceite pelo apóstolo das gentes. (A. Piñero – J. Montserrat). Como, também, são muitos os cristãos que nem suspeitam que uma das heresias mais importantes da Igreja antiga foi o monofisismo, a doutrina defendida por Eutiques, um monge do século V, que, categoricamente, afirmava que a humanidade de Cristo tinha sido absorvida pela sua divindade. Ou seja, de acordo com os monofisitas, Cristo só seria humano na aparência.

O monofisismo continua bem vivo nalgumas igrejas ortodoxas do Oriente. Entre nós, porém, está mais presente do que imaginamos. A ponto de constituir uma das maiores dificuldades para a compreensão dos evangelhos. E, portanto, para a compreensão de Jesus e da sua mensagem. Por que razão há tantos cristãos que falam, habitualmente, de Cristo ou de Jesus Cristo, mas que têm dificuldade em falar de Jesus? Os que assim agem estão, talvez sem se aperceberem, a ser condicionados pelo monofisismo. Não há quem os leve a aceitar que Jesus foi um ser humano, plenamente humano, tão humano como todos os outros. E não sabem que, ao pensar deste modo e ao agir em conformidade, arriscam-se a cair em heresia. Ou, o que é pior ainda, estão a privar-se de conhecer o conteúdo do Evangelho e, deste modo, conhecer a Deus. Deus, o Pai que se nos deu a conhecer em Jesus. O monofisismo foi condenado, em 451, no Concílio de Calcedónia.

Eis a razão por que, neste livro, se insiste tanto na importância do humano e da humanidade para a compreensão e vivência do cristianismo.

In *Presentación*, José Maria Castillo, *La religión de Jesús – Comentario al Evangelio diario – Ciclo C (2015-2016)*, pp 12-12. Editorial Desclée de Brouwer, SA, 2015

<http://www.edesclée.com/pdfs/9788433027924.pdf>



O pequeno Aylan na manjedoura do presépio

Manuel Pinto

http://rr.sapo.pt/artigo/42432/o_pequeno_aylan_na_manjedoura_do_presepio

Aylan, de três anos, camisola rubra e calção preto, rosto colado à areia, na borda da costa turca, permanecerá como símbolo dos milhares de mortos na fuga da guerra e do medo. Este ano, o Padre Ángel, fundador da ONG espanhola *Mensageiros da Paz*, fez dos refugiados o tema do seu Natal Solidário. Entre 4 de Dezembro e 6 de Janeiro, tem aberto na **igreja de Santo António**, em Madrid, um presépio alusivo, em que na gruta de Belém colocou, na manjedoura, uma escultura do pequeno Aylan, rodeado dos seus pais.

Os *Mensageiros da Paz* dedicam-se a acolher e a cuidar dos refugiados há mais de 20 anos. Desde 2012, procuram responder às necessidades das dezenas de milhares que se encontram concentrados no campo de Al-Zaatari, na Jordânia. Actualmente desenvolve um vultuoso projeto na Macedónia, na Sérvia, na Croácia e na Grécia, que atende diariamente mais de 12 mil pessoas fugidas, na sua maioria, da Síria. Cozinhas móveis, tendas aquecidas, e com camas e sítios para tomar um duche e tomar um pequeno-almoço são os “luxos” oferecidos.

O presépio de Santo António é o grito silencioso de alerta para uma tragédia silenciosa que só aparentemente está longe da nossa porta. A intervenção em Al-Zaatari e nas fronteiras europeias de Leste é uma resposta a esse apelo.

No domingo de 6 de Setembro, o Papa Francisco pediu a bispos, paróquias, mosteiros e santuários da Europa para acolherem cada um uma família de refugiados. Afinal, também a família de Nazaré teve de fugir da Palestina para evitar a morte do pequeno Jesus e certamente alguém a acolheu no Egipto. O apelo do Papa já por si era uma ação. Mas, para o modo como Francisco vê a Igreja (recordam-se do hospital de campanha?), não bastava. Umas semanas depois, já havia duas famílias de refugiados acolhidas em instalações do próprio Vaticano.

Nos tempos que correm valoriza-se o diferente, o provocatório, o que chama a atenção. Se assim é, haverá “cena” mais instigante e desafiadora do que um Deus fazer-se menino, criatura igual a nós, que nasce num qualquer barraco da vida e desafia a mudar de vida? Aylan na manjedoura é, por contraste, esse apelo a fazermos-nos próximos dos outros, dos que precisam dos nossos cuidados. E que “estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros”, a escutá-los. “Então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições” (*Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014*). A construir uma cultura de diálogo, de ternura, de paz e de justiça.

Natal: a revolução

1- Jesus Cristo é figura "decisiva, determinante" da História da Humanidade. Quem o disse foi um dos grandes filósofos do século XX, Karl Jaspers. A pergunta é: porquê?

Crentes ou não, cristãos ou não, têm de reconhecer a *Wirkungsgeschichte* de Jesus, isto é, a história dos efeitos ou das repercussões, assombrosamente humana e positiva, de Jesus na História. Por exemplo, o próprio conceito de "pessoa" veio ao mundo por influência do cristianismo, por causa dos debates à volta da tentativa de compreender a pessoa de Jesus. Foi em solo de base cristã que, embora tenham tido de impor-se contra a Igreja oficial, se deram as grandes Declarações dos Direitos Humanos.

Isso é reconhecido por grandes pensadores, inclusive não crentes. Hegel afirmou que foi pelo cristianismo que se tomou consciência de que todos são livres. Ernst Bloch, marxista heterodoxo e ateu, escreveu que é ao cristianismo que se deve a exigência de que nenhum ser humano pode ser tratado como "gado". Jürgen Habermas, agnóstico, afirma que a democracia, com "um homem um voto", é a transposição para a política da afirmação cristã de que Deus se relaciona pessoalmente com cada homem e mulher. Frederico Lourenço - para citar um português -, que se confessa ex-católico, agnóstico, escreve: "Não tenho nenhum problema em afirmar que, pessoalmente, considero Jesus de Nazaré a figura mais admirável de toda a história da Humanidade", Jesus foi "o homem mais extraordinário que alguma vez viveu".

2- Evidentemente, a *Wirkungsgeschichte*, a história dos efeitos de Jesus na História, tem a sua base na história real de Jesus, no que ele disse e fez, na revolução que operou.

Esta revolução é a revolução da sua compreensão de Deus. Realmente, Jesus não veio revelar que há Deus, pois, se hoje a existência de Deus é problemática, não o era na altura. Jesus veio dizer, por palavras e obras, a sua experiência radical de Deus: Deus é amor incondicional, Abbá, Paizinho querido, que ama a todos, a começar por aqueles e aquelas que não são amados, os mais pobres, abandonados, humilhados. Assim, uma das palavras mais revolucionárias da história das religiões é esta: "O homem não foi feito para o sábado, mas o sábado para o homem", o que significa que mesmo as leis consideradas sagradas só o são se e na medida em que estiverem ao serviço do ser humano,

da sua dignidade, liberdade, felicidade. Jesus antepôs a justiça e o amor ao culto: "Ide aprender: Deus quer misericórdia e não sacrifícios."

Por isso, os primeiros a serem verberados foram os profissionais da religião, que exploravam o povo em nome de Deus. E pôs-se ao lado das crianças, que não tinham relevância: "Deixai vir a mim as criancinhas, pois dos que são como elas é o Reino de Deus" - contra insinuações insidiosas quanto a estas palavras, acrescenta-se que Jesus também disse: "Ai de quem escandalizar uma criança. Mais valia atar-lhe uma mó de moinho ao pescoço e deitá-lo ao mar." As mulheres têm razões para estar de mal com a Igreja institucional, mas devem saber que Jesus constitui um marco histórico na história da sua emancipação: superando proibições, teve discípulos e discipulas.

Inauditas são as palavras do chamado Juízo Final. Ali se diz que o que determina o julgamento não são actos religiosos no sentido comum da palavra, mas o que se faz aos outros, mesmo não sabendo que é a Deus que se faz: "Tive fome, sede, estava nu, na cadeia, no hospital, e destes-me de comer, de beber, vestistes-me, fostes ver-me..." Em ordem à salvação, nada se pergunta de confessional, tudo se centra nas respostas práticas às dificuldades das pessoas, independentemente da sua cor, etnia, sexo, de serem religiosas ou não.

Jesus não quis tomar o poder político: "Vim para servir, não para ser servido", "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Mas foi mandado crucificar como blasfemo e subversivo social e político. Pilatos, representante do poder imperial de Roma, que o condenou, não podia imaginar que aquele desgraçado seria figura "decisiva, determinante" da História. Deus confirmou a sua vida e a sua morte para dar testemunho da verdade e do amor: na morte, Jesus não encontrou o nada, mas a plenitude da vida em Deus, que é amor.

3- Custa-me a entender como é que os europeus parecem menosprezar a sua herança cristã, como indicam, por exemplo, a proibição de um anúncio, porque contém o Pai Nosso, ou a política de acabar com sinais cristãos da nossa cultura, como a presença de presépios em espaços públicos. Seja como for, é Karl Rahner, talvez o maior teólogo católico do século XX - tenho a honra de ter sido seu aluno -, que tem razão, quando escreveu: "Quando dizemos "é Natal" estamos a dizer: "Deus disse ao mundo a sua palavra última, a sua mais profunda e bela palavra numa Palavra feita carne". E esta Palavra significa: amo-vos, a ti, mundo, e a vós, seres humanos." Boas Festas!

Anselmo Borges. Presbítero, professor universitário e ensaísta.

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico